Editorial

Oportunidades e aperfeiçoamentos

É TAREFA de uma publicação especializada, como é o caso da **Conjuntura da Construção**, trazer de forma aprofundada a seu público as principais tendências do setor e fomentar o debate qualificado dos aperfeiçoamentos a serem perseguidos.

Assim, o editor **Edney Cielici Dias** relata na reportagem de abertura experiências valiosas de empresas que entraram com força total no cobiçado segmento de habitação voltada para a "baixa renda" – expressão que se refere na realidade às famílias com rendimentos entre quatro e dez salários mínimos ao mês. Os modelos de negócio adotados para esse mercado se inspiram em experiências bem-sucedidas em outros países, em especial na mexicana, mas trata-se de uma releitura rica, que se adapta às especificidades de empresas e de mercados.

Quais as perspectivas do aluguel residencial do país? Artigo do secretário-adjunto de Política Econômica do Ministério da Fazenda, **Otávio Damaso**, mostra o quanto se pode avançar nesse mercado, com base na experiência internacional. Em entrevista, **Luiz Antonio França**, novo presidente da Abecip, fala de suas expectativas com relação ao crédito habitacional. Quais avanços institucionais precisam ser perseguidos? **Carlos Eduardo Fleury**, diretor-executivo do Instituto de Registro Imobiliário do Brasil (Irib), mostra a importância da adoção do princípio da concentração da matrícula do imóvel para conferir segurança, eficiência e agilidade nas operações de compra e financiamento de imóveis.

Outro papel primordial de uma revista especializada é a análise. Por que o Brasil vive tanto atraso no setor de saneamento? Quais as perspectivas de crescimento econômico para o país e para o setor da construção? Essas são questões que procuramos responder nesta edição.

A construção em outras palavras

"Sou daqueles que acreditam que o ex-presidente do Fed Allan Greenspan teve mérito, mas dois erros importantes. Um foi não ter regulado mais o mercado de hipotecas, que é um papel que o Fed deveria ter feito. O Fed deveria ter visto o risco que os bancos estavam tomando. Outro foi que os cortes acentuados de juros do Fed e outras ações deram a impressão de que o risco tinha acabado."

José Alexandre Sheinkman, professor da Universidade de Princeton, sobre a crise imobiliária americana, na *Folha de S.Paulo* de 22 de janeiro.